

Acerca da selecção temporal no discurso*

ANA TERESA ALVES
(Universidade dos Açores)

Introdução

A intuição presente em Reichenbach (1947) de que o tempo tem uma dimensão anafórica, os trabalhos de Partee (1973 e 1984) assim como o aparecimento da *Discourse Representation Theory* levaram a um interesse pelo estudo do tempo não apenas em frases isoladas mas também em sequências de frases, ou seja, no discurso. São várias as questões que se levantam quando o estudo do tempo é feito neste plano. Algumas delas são a anáfora temporal, a progressão do tempo no discurso narrativo, a questão dos tempos de referência e as regras de boa sequenciação dos tempos. É sobre esta última questão que me deterei nesta comunicação, referindo os sistemas de valores que parecem estar envolvidos na selecção dos diferentes tempos verbais em diferentes contextos. Note-se que a expressão *sequenciação de tempos*, que traduz a expressão inglesa *sequence of tense* e a latina *consecutio temporum*, significa apenas que a ocorrência de tempos verbais em sequências de frases está sujeita a algumas restrições. Refira-se também que o conceito de *consecutio temporum*, que remonta à Antiguidade Clássica, não tem nenhum poder explicativo. Assim, tentarei mostrar como se pode recorrer aos sistemas de valores pelos quais actualmente se distinguem os diferentes tempos verbais para dar conta dessas mesmas restrições. É importante referir ainda que, embora nas gramáticas do português que consultei se dê informação, em alguns casos, sobre quais são as sequências de tempos verbais possíveis, não é dada nenhuma justificação para o facto de algumas sequências serem aceitáveis e outras inaceitáveis.

* A realização deste trabalho e a sua apresentação no XII Encontro Nacional da APL foram parcialmente suportadas pela JNICT, no âmbito do Projecto PCSH/C/LIN/936/95.

1. A perspectiva temporal

É fácil verificar, quando se analisa sequências de frases, que se estabelecem entre elas relações de interdependência temporal. Uma das relações de interdependência que podem existir é uma frase fornecer a perspectiva temporal a outra. O conceito de perspectiva temporal, estreitamente relacionado com o de *reference time* introduzido por Reichenbach (1947), é necessário para dar conta de frases em que ocorrem os chamados tempos relativos. Veja-se abaixo um quadro com os valores correspondentes a esse subsistema.

Perspectiva Temporal: **Presente** - presente, pretérito perfeito simples, pretérito perfeito composto e futuro simples.
Passado - pretérito imperfeito, futuro do pretérito e pretérito mais-que-perfeito.
Futuro - futuro perfeito.

No caso do português os tempos relativos são o pretérito imperfeito, o pretérito mais-que-perfeito, o futuro do pretérito e o futuro perfeito. Estes tempos, ao contrário dos tempos absolutos, caracterizam-se, como se pode ver acima, por não tomar como ponto de perspectiva temporal presente (o tempo da enunciação)¹. Daí que não possam ocorrer em frases ou sequências de frases em que não haja um outro tempo - distinto, obviamente, do tempo da enunciação - que lhes forneça a perspectiva temporal². A especificidade do grupo dos tempos relativos é ilustrada pelas frases apresentadas em (1) e (2), abaixo:

(1) *A Ana chegava/tinha chegado/chegaria/terá chegado no dia 8.

Qualquer uma das frases em (1) é inaceitável, pois não há no contexto do discurso nenhum outro tempo que sirva de perspectiva temporal aos tempos nelas presentes e, como se disse já, estes tempos não tomam como referência o tempo da enunciação. Tal facto é também evidente nas frases (2) (a).

(2) O Pedro chegou ontem. (a) *A Ana tinha chegado anteontem.
 (b) A Ana tinha chegado um dia antes.
 (a) *A Ana chegaria amanhã.
 (b) A Ana chegaria no dia seguinte.
 (a) *A Ana chegava ontem.
 (b) A Ana chegava no mesmo dia.

O Pedro chega depois de amanhã. (a) *A Ana terá chegado amanhã.
 (b) A Ana terá chegado um dia antes.

Nestas frases é a presença de advérbios deícticos que dá origem à sua inaceitabilidade. Essa inaceitabilidade contrasta com a aceitabilidade das frases (b), em que os advérbios deícticos foram substituídos por expressões adverbiais anafóricas. Contudo, frases com os tempos em questão dão origem a sequências aceitáveis em contextos como os que são apresentados em (3) e (4). Nos dois primeiros casos temos sequências de frases independentes - em (3) - e sequências compostas por frase matriz e frase encaixada - em (4).

- (3) O Pedro chegou no dia 9. A Ana tinha chegado no dia 8/terá chegado no dia 8/chegaria no dia 10.
- (4) (a) O Pedro disse que estava doente/que tinha chegado na véspera/ que chegaria no dia seguinte.
- (b) O Pedro dirá que terá chegado na véspera.

Nestes dois conjuntos de frases, salvas a devidas especificidades inerentes a cada tempo, não parece haver diferenças no que se refere ao comportamento dos quatro tempos em estudo. O que se passa é o seguinte:

- (i) um dado estado-de-coisas é localizado no tempo;
- (ii) essa localização é anterior, sobrepõe-se ou é posterior a um tempo de referência; Por fim, e aqui reside a especificidade dos tempos relativos,
- (iii) o tempo de referência, relativamente ao qual a localização é feita, não é o tempo da enunciação. Veja-se agora as frases (5).

- (5) (a) O Pedro disse que iria/vai passar férias ao Brasil.
- (b) O Pedro chegou ontem. A Ana tinha chegado/chegou um dia antes.

O que importa notar é que, em ambos os casos, em alternativa com um tempo relativo surge um tempo absoluto: no primeiro caso o presente, no segundo caso o pretérito perfeito. Muitos dos trabalhos em que estas questões são abordadas considera problemático o facto de no contexto de um tempo passado – como o que ocorre, em (5) (a), na frase matriz e, em (5) (b), na primeira frase – poder aparecer um tempo absoluto, ou seja, o facto de nesse contexto também se poder tomar como referência o tempo da enunciação. Considera-se estar perante uma violação das já referidas regras de boa sequenciação dos tempos (*consecutio temporum*). Parece claro hoje em dia – com os progressos recentes no estudo da semântica das línguas naturais, e em particular no estudo do tempo – que a possibilidade de aceder ao tempo da enunciação é uma característica do tempo nas línguas naturais, pelo menos no que diz respeito discurso comum por oposição ao discurso narrativo ficcional. Por esta razão, não parece que as alternativas dadas em (5) constituam um problema, mas antes uma opção de que o falante dispõe em alguns casos. É óbvio que em (5) (a), por exemplo, a utilização do presente só é permitida no caso de as férias ainda não terem sido gozadas.

2. Concordância de perspectiva temporal

Um outro caso em o subsistema de valores da perspectiva temporal parece estar envolvido é o que se pretende ilustrar com as frases (6)-(8). Note-se que que estamos perante três casos de subordinação. Trata-se de frases subordinadas adverbiais. A primeira é uma subordinada condicional, a segunda uma concessiva e a terceira, de acordo com a classificação tradicional, é também uma frase subordinada condicional. Veja-se primeiramente as versões (a) destas mesmas frases:

- (6) (a) *Se a Ana tivesse vindo eu parto hoje.
- (b) Se a Ana tivesse vindo, eu partiria hoje.

- (7) (a) *Ainda que a Ana não chegue, eu partiria amanhã para Lisboa.
 (b) Ainda que a Ana não tenha chegado, eu parto amanhã para Lisboa.
- (8) (a) *Peritos afirmam que a década actual será muito pior mesmo que não houvesse qualquer caso de contágio a partir do actual momento.
 (b) Peritos afirmam que a década actual será muito pior mesmo que não haja qualquer caso de contágio a partir do actual momento.

Nenhuma das frases apresentadas é aceitável e o que parece é que há um conflito dos tempos verbais das duas orações. Quanto à perspectiva temporal dos tempos usados nas três frases, as sequências são as seguintes: passado-presente (frase (6)) e presente-passado (frases (7)-(8)). Como se pode verificar, nos três casos há divergência quanto à perspectiva temporal dos dois tempos intervenientes, o que não acontece nas versões correctas, as quais são apresentadas em (b). Nessas frases, cuja aceitabilidade parece não levantar dúvidas, há coincidência de perspectiva temporal nos dois tempos usados. Na primeira frase, o ponto de perspectiva temporal dos dois tempos é o passado e nas duas últimas frases é o presente. Assim, temos o subsistema da perspectiva temporal como interveniente na selecção do segundo tempo.

3. A esfera temporal

Passemos agora ao subsistema da esfera temporal, que se apresenta abaixo.

Esfera temporal: **Passado** - pretérito imperfeito, pretérito perfeito e pretérito mais-que-perfeito.

Presente - presente.

Futuro - futuro simples e futuro perfeito.

Como se vê, admite-se a existência de três esferas temporais: a do passado, a do presente e a do futuro, pelas quais se distribuem da forma apresentada acima os tempos do português. Vejamos de seguida frases de outro tipo, mas que envolvem também sequências de dois tempos verbais.

- (9) Ele fez tudo para que tivéssemos umas boas férias.
 (10) Ele fez tudo para que tenhamos umas boas férias.
 (11) Ele pediu-me que fosse com ele ao médico.
 (12) Ele pediu-me que vá com ele ao médico.

Como se conclui pela observação das frases (9) e (11), neste caso não há uma concordância dos dois verbos relativamente aos seus pontos de perspectiva temporal. No caso destas duas frases, o ponto de perspectiva temporal do primeiro tempo é o presente e o do segundo tempo é o passado. Creio que, neste tipo de frase, a concordância não se faz pelo ponto de perspectiva temporal, mas antes pela esfera temporal: o que tem de acontecer é os dois tempos serem da mesma esfera temporal. Para o facto de, nas frases (10) e (12), o segundo tempo poder ser substituído pelo presente existe uma explicação, a qual foi dada anteriormente quando se comentou as frases apresentadas em (5). Trata-se de uma opção que o falante tem de tomar como ponto de perspectiva temporal o tempo da enuncia-

ção. Uma vez mais a alternância só é possível no caso de as férias ainda não terem sido gozadas e no caso de a ida ao médico ainda não ter tido lugar.

4. A localização relativa

No subsistema da localização relativa, alguns dos tempos verbais marcam uma anterioridade, outros, na terminologia de Peres (1993), uma sobreposição, e outros uma posterioridade relativamente ao seu ponto de perspectiva temporal.

Localização relativa: Anterioridade - pretérito mais-que-perfeito, futuro perfeito, e pretérito perfeito.

Sobreposição - presente e pretérito imperfeito.

Posterioridade - futuro imperfeito e futuro do pretérito.

A intervenção deste terceiro sistema, em conjunto com os sistemas anteriormente referidos, permite-nos distinguir todos os tempos uns dos outros. Tal é necessário porque, aparentemente, existem casos em que é necessário seleccionar um tempo específico.

Veja-se, precisamente, um caso em que a selecção temporal leva a que tenha de haver uma identidade dos dois tempos em questão. Centremo-nos de início nas versões (a) das frases (13)-(16).

- (13) (a) *É aqui que Helena Sanches Osório exemplificou o problema que tinha posto.
 (b) Foi aqui que Helena Sanches Osório exemplificou o problema que tinha posto.
- (14) (a) *Não é sem cinismo que os romanos puderam assitir, esta semana, ao ressuscitar do seu presidente da câmara.
 (b) Não foi sem cinismo que os romanos puderam assitir, esta semana, ao ressuscitar do seu presidente da câmara.
- (15) (a) *Quem parece não ter mudado nada foi o Partido Comunista Sul Africano.
 (b) Quem parece não ter mudado nada é o Partido Comunista Sul Africano.
- (16) (a) *Quem telefonou é o João.
 (b) Quem telefonou foi o João.

Trata-se de frases em que há marcação de foco. Em todos os casos há a presença de dois verbos, um dos quais é sempre o verbo *ser*. Mateus *et al.* referem, a propósito de frases como (13)-(16), que são frases bi-oracionais. A inaceitabilidade destas frases deve-se ao facto de não haver concordância em tempo do verbo *ser* com o verbo da outra oração interveniente nesta construção e desaparece logo que essa concordância se faz. O facto de ter de existir este tipo de concordância quase nunca é referido nas gramáticas. Por exemplo, Mateus *et al.* refere o facto de haver concordância do verbo *ser* em pessoa e número com o constituinte que tem a função de foco, mas não o facto de a concordância em tempo ter de ser obrigatoriamente feita com o verbo da outra oração, como acontece nas versões (b) das mesmas frases³.

Note-se ainda que se trata de uma concordância bastante forte, já que exige uma identidade completa dos dois tempos verbais. Uma mera substituição de um tempo por outro da mesma esfera temporal torna a frase agramatical. É o que se mostra com a versão (c) dessas mesmas frases.

- (13) (c) *Era aqui que Helena Sanches Osório exemplificou o problema que tinha posto.
- (14) (c) *Não era sem cinismo que os romanos puderam assitir, esta semana, ao ressuscitar do seu presidente da câmara.
- (15) (c) *Quem parecia não ter mudado nada foi o Partido Comunista Sul Africano.
- (16) (c) *Quem telefonou era o João.

Em qualquer um dos cinco casos temos dois tempos do passado - o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito - e ainda assim todas as frases são inaceitáveis⁴.

Parecendo não haver dúvida quanto à existência de uma regra de concordância temporal entre as duas orações que intervêm neste tipo de construção, penso que se pode encontrar aqui um argumento a favor da hipótese, defendida por alguns autores, de que destaco Campos (1984 e 1987) e Peres (1993), de que o pretérito perfeito composto é um tempo presente e não, como tradicionalmente foi classificado, um tempo passado. Com tempo presente pretende-se naturalmente dizer que pode ser usado para descrever um estado de coisas que se pode sobrepôr ao ponto de perspectiva temporal, que, no seu caso, é o presente. Na verdade, como se mostra nas frases abaixo, o pretérito perfeito composto pode co-ocorrer com o verbo *ser* flexionado no presente - frases (17) e (18) - mas não com o mesmo verbo flexionado num tempo passado.

- (17) É a Maria que tem trabalhado mais.
- (18) Quem tem estado doente é o Pedro.
- (19) *Foi/era a Maria que tem trabalhado mais.
- (20) *Quem tem estado doente foi/era o Pedro.

5. Conclusões

A questão da selecção temporal do discurso é, como se sabe, bastante vasta. Vasta porque abrange diversas questões e vasta também porque são bastante diversificados os casos de sequenciação de frases. Se há aspectos comuns a seqüências de frases independentes e seqüências de frases envolvendo subordinadas, outros aspectos há também em que estes dois tipos de seqüências divergem. Além disso, ainda dentro das frases subordinadas, quase que se pode dizer que, à parte alguns aspectos comuns, cada caso é diferente dos outros, variando ainda de construção para construção o grau de dependência temporal entre duas frases. Por exemplo, no caso das subordinadas temporais a dependência temporal é muito maior que no caso das frases relativas.

Esta comunicação não foi mais que uma primeira abordagem à questão dos subsistemas envolvidos na interacção dos tempos verbais no discurso. Embora só se tenha feito referência a casos envolvendo o tempo verbal, todos nós sabemos

que o tempo adverbial é também importante não só por si, mas também na sua interacção com o tempo verbal. A existência de relação de anafórica entre uma frase e outra – a chamada anáfora temporal – constitui também um tipo de relação de dependência. Por razões de delimitação de tempo e por ter ser talvez o tipo de interdependência que mais trabalhos tem suscitado não foi aqui abordada.

Para concluir gostaria de fazer uma breve síntese e dizer que os dados apresentados nesta comunicação parecem indicar que alguns dos subsistemas envolvidos na selecção dos tempos verbais em sequências de frases são o da perspectiva temporal, o da esfera temporal e o da localização relativa. Tende a haver uma aproximação entre os diferentes tempos envolvidos, aproximação essa que se faz no âmbito de um destes sistemas de valores. Há ainda um caso – o das construções de foco – em que os três sistemas de valores estão envolvidos dado que deve haver uma identidade entre os tempos verbais das duas orações. Tal exigência de identidade pode constituir um argumento a favor da hipótese, aventada por alguns autores, segundo a qual o pretérito perfeito composto é um tempo presente e não um tempo passado.

NOTAS

- ¹ Por isso, são também chamados tempos anafóricos, por oposição aos díticos, ou, alternativamente, tempos não-autónomos por oposição aos autónomos.
- ² Quanto àquilo que se considera geralmente ser um outro valor do pretérito mais-que-perfeito e que pode ser ilustrado com frases como (1) e (2), veja-se o trabalho de Peres (1993).
 - (1) Em 1990 a Maria (já) tinha acabado a tese.
 - (2) Ontem o Paulo (já) tinha entregue o trabalho.
- ³ Telmo Mória (c.p.) referiu-me exemplos como (3):
 - (3) É este o carro que eu comprarei.
 Penso que este tipo de casos, em que não há concordância em tempo entre os dois verbos, só é possível se, tal como acontece com a frase (3), se está a *apontar* para uma entidade presente no contexto, o que pressuporá a utilização de um pronome deíctico.
- ⁴ As frases (13)-(15) foram-me cedidas por João Peres e Telmo Mória. Foram recolhidas por eles durante a fase preparatória da escrita do livro *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Parece, assim, que esta é também uma área em que os falantes revelam algumas dificuldades.

BIBLIOGRAFIA

- CAMPOS, M.H.C., 1984, "Pretérito Perfeito Simples - Pretérito Perfeito Composto: uma Oposição Aspectual e Temporal", *Letras Soltas*, 2, 11-53.
- 1987, "O Pretérito Perfeito Composto: um Tempo Presente?", *Actas do 6º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Outubro 1987, 409-442.
- COMRIE, B., 1895, *Tense*, Cambridge, Cambridge University Press.
- CUNHA, C e L.F.L. CINTRA, 1984, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, João Sá da Costa.
- HINRICHS, E., 1986, "Temporal Anaphora in Discourses of English", *Linguistics and Philosophy* 9, 63-82
- HOUWELING, F., 1982, "Deictic and Anaphoric Tense Morphemes", V. Lo Cascio and C. Vet (eds.) *Temporal Structure in Sentence and Discourse*, Dordrecht, Foris Publications.

- KAMP, H. e U. Reyle, 1993, *From Discourse to Logic - Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Dordrecht, Kluwer.
- Lo CASCIO, V., 1982, "Temporal Deixis and Anaphor in Sentence and Text: Finding a Reference Time", V. Lo Cascio and C. Vet (eds.) *Temporal Structure in Sentence and Discourse*, Dordrecht, Foris Publications.
- MATEUS, M.H.M. et al., 1989, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 2ª ed. revista e aumentada.
- PARTEE, B.: 1973, "Some Structural Analogies Between Tenses and Pronouns in English", *The Journal of Philosophy* 70, 601-609
- 1984, "Nominal and Temporal Anaphora". *Linguistics and Philosophy* 7, 243-286.
- PERES, J., 1993, "Towards an Integrated View of the Expression of Time in Portuguese", *Cadernos de Semântica* 14, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- REICHENBACH, H., 1947, *Elements of Symbolic Logic*, New York, MacMillan.